



ELENIR
2001

{ARTIGOS}

NORDESTE FICÇÃO: JULIANA LINHARES E A (RE)INVENÇÃO DO NORDESTE BRASILEIRO

Valterlei Borges¹

Universidade Federal Fluminense (UFF)

{RESUMO}

Este estudo investiga a obra da cantora Juliana Linhares, especialmente o álbum *Nordeste ficção*, à luz do contexto sociocultural contemporâneo. O corpus compreende análises das letras das músicas e entrevistas com a artista em veículos de comunicação. O objetivo principal é compreender como Linhares aborda questões identitárias e culturais do nordeste brasileiro em seu trabalho, confrontando estereótipos e reflexões sobre sua própria identidade como nordestina no Rio de Janeiro. A metodologia inclui análise textual, análise de entrevistas e audição do trabalho da cantora. Os resultados destacam a capacidade da artista de subverter estereótipos e narrativas hegemônicas, oferecendo uma perspectiva multifacetada da região nordestina, ao mesmo tempo em que questiona sua própria identidade e pertencimento.

Palavras-chave: Música popular brasileira; Identidade cultural; Juliana Linhares; Nordeste ficção; Nordeste brasileiro.

{ABSTRACT}

This study investigates the work of Brazilian singer Juliana Linhares, especially the album *Nordeste ficção*, in light of the contemporary sociocultural context. The corpus comprises analysis of song lyrics and interviews with the artist in the media. The main objective is to understand how Linhares addresses identity and cultural issues in the Brazilian Northeast in her work, confronting stereotypes and reflections on her own identity as a Northeasterner in Rio de Janeiro, Brazil. The methodology includes textual analysis, interview analysis and listening to the singer's work. The results highlight the artist's ability to subvert stereotypes and hegemonic narratives, offering a multifaceted perspective of the northeastern region, while at the same time questioning her own identity and belonging.

Keywords: Popular Brazilian music; Cultural identity; Juliana Linhares; Nordeste ficção; Brazilian Northeast.

¹É professor, pesquisador e produtor cultural. Possui Doutorado em Estudos de Literatura (UFF, 2016). Realizou pesquisa de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (USP, 2019).

E-mail: val.borges@gmail.com

Este artigo é dedicado aos meus alunos do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, onde lecionei de maio/2021 a maio/2023, no curso superior de Tecnologia em Produção Cultural.

{INTRODUÇÃO}

O desejo de escrita deste artigo começa no segundo semestre de 2022, quando seguia de carro pela Avenida Engenheiro Roberto Freire, sentido Morro do Careca, rumo à Praia de Ponta Negra, em Natal, capital do Rio Grande do Norte. O rádio do carro estava sintonizado na Rádio Universitária FM², da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e tocou uma versão da canção “Tareco e mariola”³ cantada por uma voz feminina que me chamou a atenção, especialmente pela sonoridade mais moderna, mais urbana, se assim podemos definir, distinguindo-se das versões mais populares associadas à canção sertaneja, isto é, do sertão. A voz da cantora me parecia familiar mas não a ponto de reconhecê-la de pronto. Foi só na hora dos créditos da canção que associei a voz à pessoa: Juliana Linhares.

É nesse trajeto de carro que o trabalho de Juliana Linhares pela primeira vez me chama a atenção com interesse acadêmico. É curioso pensar que esse interesse surge especialmente num dos pontos emblemáticos de Natal, por coincidência, cidade de origem de Juliana Linhares. O programa da Rádio Universitária FM, com aproximadamente uma hora de duração e dedicado exclusivamente à sua obra, apresentou algumas facetas da cantora potiguar, trazendo um panorama artístico entrelaçado à sua vida profissional e pessoal.

Nesse período eu estava em Natal como professor no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e buscava conhecer a produção artística local, especialmente por ser oriundo da região sudeste, que historicamente filtra muito da produção artística do nordeste, priorizando, em certo sentido, a popularidade de alguns artistas em detrimento de outros.

A primeira coisa que fiz foi procurar a obra de Linhares nas plataformas de *streaming* de música. Embora à frente de uma banda chamada *Pietá*, naquele momento a cantora tinha lançado um álbum solo que vinha ganhando repercussão na mídia especializada. O álbum era o *Nordeste ficção*, lançado nas plataformas de streaming no dia 26 de março de 2021, durante a pandemia do COVID-19.

Geralmente os trabalhos de pesquisas acadêmicas são desenvolvidos por interesses dos pesquisadores, mas às vezes a construção de dados científicos aparecem em locais e situações não intencionais, a exemplo de algumas situações apontadas nos estudos de Latour e Woolgar (1997). E foi justamente esse o caso.

O presente trabalho busca lançar um olhar investigativo para o álbum *Nordeste ficção*, de Juliana Linhares, como uma obra divisora em sua carreira não só pela inovação artística e qualidade sonora e poética, mas por enxergar no disco o desdobramento de

²Rádio Universitária FM, frequência 88,9. Instagram: <https://www.instagram.com/radiouniversitarianatal/> . Acesso em: 09 jan. 2024. A rádio pode ser ouvida on-line no seguinte link: <http://radio.comunica.ufrn.br:8000/live.aac> . Acesso em: 09 jan. 2024.

³“Tareco e mariola” tem autoria de Petrúcio Antonio de Amorim e faz parte do cancionário popular do nordeste brasileiro, especialmente na versão de Flávio José.

uma construção de identidade artística e cultural da artista, abrindo um diálogo direto com outros trabalhos já publicados (BORGES, 2017a; BORGES, 2017b). Nas onze canções que compõem o álbum, a começar pela canção homônima que dá título ao trabalho, é possível perceber como Linhares busca (re)inventar uma identidade nordestina contemporânea, desvinculando-se, ou pelo menos afastando-se, da imagem arquetípica das cantoras nordestinas e do cancioneiro popular do nordeste, seja pela sonoridade, seja pela indumentária, seja pela autoimagem, seja pelo discurso.

Que rainha sou eu

A potiguar Juliana Linhares encontra-se radicada no Rio de Janeiro. Mudou-se há mais de dez anos para estudar teatro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É nesse período, como forasteira em terras cariocas, que as diferenças identitárias começam a ficar evidentes e cada vez mais recorrentes. Ser nordestino no sudeste é viver, muitas vezes, definido por uma imagem estereotipada, ainda que haja movimentos recentes de contestação desse passado que persiste em refletir no presente. Identificar-se é, antes de tudo, confrontar-se com o outro mas também consigo mesmo.

É desse estranhamento identitário que começa a surgir o desejo de um álbum que refletisse sobre o nordeste contemporâneo. O desejo fica mais latente quando Linhares assiste a peça de teatro *A invenção do nordeste*, do *Grupo Carmin*, de sua cidade Natal. A peça, inspirada no livro *A invenção do nordeste e outras artes*, do professor paraibano Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2021), é uma ficção escrita pelo professor Pablo Capistrano em parceria com o ator Henrique Fontes, ambos moradores de Natal. *A invenção do nordeste* estreou em 2017 e

aborda o surgimento e a trajetória histórica da região nordeste, propondo a desconstrução da imagem estereotipada do nordestino. Motivada por reações xenófobas, manifestadas na internet durante as eleições de 2014, a atriz Quitéria Kelly encontra, na obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, um ponto de partida para refletir as divisões sociais brasileiras. Durval é historiador e autor do livro: *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Durante a pesquisa, o *Carmin* mergulhou nos mecanismos estéticos, históricos e culturais que contribuíram para a formação de uma visão reducionista do nordeste brasileiro. A partir daí, Pablo Capistrano e Henrique Fontes escreveram uma autoficção onde um diretor é contratado por uma grande produtora de fora do

nordeste para preparar dois atores norte-rio-grandenses na disputa pelo papel de um personagem nordestino. Durante a preparação, a identidade nordestina entra em cheque. Afinal, existiria apenas uma identidade nordestina? (Grupo Carmin, sem data, sem paginação).

A trama dialoga diretamente com os estereótipos e os preconceitos criados em torno do que é ser nordestino, gerando no público reflexões sobre a construção social da identidade nordestina, especialmente na caracterização e construção de personagens vividos por atores sudestinos, como o modelo propagado pelos grandes veículos de comunicação e produtoras sediadas nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Essa discussão é bastante antiga pelo fato da indústria cultural hegemônica estar historicamente sediada na região sudeste, sobretudo antes do advento da digitalização da processo criativo no campo fonográfico (cf. BORGES, 2014). Em certo sentido chama-nos a atenção o fato de que ainda permanece um fluxo de artistas rumo à construção de carreira na região sudeste, a exemplo de muitos que realizaram esse movimento migratório na segunda metade do século XX. Mesmo após a revolução causada com a pane da indústria fonográfica na virada do século, certos modelos de negócio e especialmente de distribuição permanecem centrados em alguns eixos. Se é possível identificar que atualmente cada região pode ter seu polo de produção (cf. Autor, 2017a), os grandes centros ainda parecem exercer influência sobre os estilos e o consumo do público. Mesmo atualmente a televisão aberta e as rádios FM continuam tendo um poder de influência na cadeia produtiva da música popular brasileira. Estar em uma trilha sonora de telenovela sem dúvida alguma impulsiona a projeção do artista em âmbito nacional, especialmente o artista que circula dentro de determinados nichos de público, estourando a bolha de consumo que rege a vida e também a produção cultural contemporânea. E as rádios FM ainda continuam tendo um alcance significativo, na medida em que ainda são bastante executadas em comércios e no transporte público, além dos espaços privados.

Essa migração para o mercado fonográfico do sudeste já foi quase mandatória para o artista que pretendia alcançar o público nacional. Analisamos profundamente um desses nomes em trabalho anterior (BORGES, 2016). Contudo, o fluxo agora não é algo obrigatório como foi no auge da indústria fonográfica no século XX. A descentralização aliada aos baixos custos de produção e à facilidade de distribuição transformaram a indústria da música popular brasileira. Atualmente é possível produzir um material de excelente qualidade sonora em um estúdio caseiro. O primeiro álbum solo de Juliana Linhares foi produzido justamente assim, de forma independente, em seu apartamento no

Rio de Janeiro, durante o período de isolamento social causado pela pandemia.

O álbum *Nordeste ficção* foi lançado na plataforma de streaming *Spotify* no dia 26 de março de 2021. Desde então vem gerando repercussão e ganhando elogios da crítica especializada em importantes veículos de comunicação (cf. Diniz, 2022; Lucila, 2022). Ousamos dizer que a própria carreira de Juliana Linhares alcançou outros patamares após o álbum. Trata-se de seu primeiro trabalho solo, sem os projetos em grupo *Pietá e Iara Ira*, formados ainda nos tempos da UNIRIO. A canção que abre o álbum, denominada “Bombinha”, e que foi trilha sonora da telenovela *Mar do sertão*, exibida entre agosto de 2022 e março de 2023 na emissora *Rede Globo*, diz o seguinte:

Quem explode é bombinha
 Eu quero cantar pros meus
 Deixa que eu mesma decido que rainha sou eu
 Do abraço forte, do reconfortar
 Rainha de tudo que quero
 Rainha de tudo que há
 E não quero ir pra Marte
 Quero ir pro Ceará
 Não vim aqui me exibir
 Eu vim aqui te buscar
 E não quero ficar rica
 E nem quero me armar
 Eu quero jaz de espírito
 E saúde pra brincar
 (Carlos Posada)

O excerto da letra da canção revela por reflexo alguns posicionamentos da artista, ao tentar, por exemplo, de forma intencional, inventar seu próprio reino. O reino de Juliana Linhares é contemporâneo, sem hierarquia e dissidente daquilo que, inconscientemente, espera-se de um reino tradicional. Há ainda outros elementos na letra da canção: autenticidade e autoafirmação, empoderamento feminino, valorização das relações afetivas, desprezo para exibições (des)necessárias, preferências por experiências simples, eleição de prioridades na vida, tom descontraído e brincalhão, e tudo isso está presente em *Nordeste ficção*. “Bombinha” abre o álbum apresentando muito da unicidade do trabalho, que praticamente em todas as canções perpassa por essa intencionalidade artística.

“Balanceiro” é a segunda canção do álbum e também a segunda a fazer parte de outra trilha sonora de telenovela, a reedição de *Renascer*, também na emissora *Rede Globo* e agora em horário nobre, com exibição iniciada em janeiro/2024⁴. A letra da canção inicia com os seguintes versos:

Eu não posso mudar o mundo
 Mas eu balanço
 Mas eu balanço
 Mas eu balanço o mundo
 (Juliana Linhares, Khrystal Saraiva, Moyseis Marques e Sami Tarik)

É possível identificar no pequeno trecho da letra da canção a dissidência e a inconformidade com o mundo, porém, o desejo de mudança, de vivência e de intervenção permanecem como pontos centrais. Se o eu da canção tem consciência de suas limitações, também tem consciência de seu poder de contribuição para melhor equilíbrio das forças que regem esse mundo. Há, dessa forma, pontos pertinentes no fragmento: reconhecimento da limitação individual, atitude de resiliência e ação, simbolismo poético em balançar o mundo, contraste entre a grandeza e a modéstia, reflexão sobre a natureza da mudança e as possibilidades de transformação pessoal. Se não é possível mudar o mundo, que a vivência possa pelo menos questionar e fazer refletir, possa rever o que está posto.

Outra canção que chama a atenção no álbum é “Aburguesar”, composição inédita do tropicalista Tom Zé. Os vocais da canção são divididos com a artista carioca Letrux. Vejamos abaixo um trecho da letra:

Depressa, porque
 Meu bem, meu bem, meu bem
 Daqui a alguns anos
 Vamos nos aburguesar ha, ha
 Daqui a alguns anos
 Vamos nos aburguesar ha, ha
 Daqui a alguns anos, infelizmente
 Vamos todos nos aburguesar
 Os nossos ideais, que covardia
 Que covardia
 Trocados pelos sonhos da burguesia
 A casa, o carro, os filhos e a poupança

⁴A telenovela estreou no dia 22 de janeiro de 2024 e estava em exibição durante a escrita do artigo.

O desejo natural de segurança
(Tom Zé)

Embora construída a partir de uma crítica social direta, bem ao estilo do compositor Tom Zé, podemos novamente identificar algumas das características apontadas nas outras canções, especialmente dissidência e inconformidade. Há também, na letra da canção, uma crítica ao modelo de vida orientado pelo capital, um desapontamento com o mundo materialista, formado sobretudo na relação com o trabalho e o consequente acúmulo de bens, que representa, por essa perspectiva, os elementos burgueses e o sucesso. Os ideais, por mais que lembrados e de alguma forma presentes, cedem espaço aos pilares oferecidos pelo sistema, isto é, o modelo de vida aburguesado. A letra revela ainda uma certa pressa e ironia, sugerindo urgência ou inevitabilidade no processo de aburguesamento, ainda que o “ha, ha” (representando uma risada) indique distância ou desconforto em relação a essa mudança. Mas, ao fim e ao cabo, o sistema é sempre mais forte.

Apresentaremos a seguir a canção que dá título ao álbum: “Nordeste ficção”. O título dialoga diretamente com o livro de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que nos referimos anteriormente, e também consegue resumir bem as intencionalidades artísticas de Juliana Linhares em todo o trabalho: pensar o nordeste como uma criação, uma invenção e, por que não, uma ficção? Abaixo, a letra da canção na íntegra:

Um dia eu sonhei que eu era um cacto
Desses que tenho em casa e eu não cuido
E que mesmo sem cor, sem água
Sem ter flor pra dar
Com os espinhos tortos 'inda olha rindo

Vivo intacto
Vivo intacto
O cacto

Menina, o sonho eu acho que era um cacto
De um interior envelhecido
Que fugira do sertão na tentativa
De colher futuro farto e voz ativa
Vivo intacto

Vivo intacto
O cacto

Olha eu em SP, na portaria
Da brecha eu te mando um bom dia
O senhor bate os seus pés, sobe a fumaça
Tragando o mundo eu sigo, e você passa

Agora eu viajei, eu era um cacto
Desses na cidade grande, esquecidos
Chique, chique, pobre, pobre
Lado a lado

Que rachando a terra abre mais caminho
Amordace os dentes, sou eu o cacto
Cortando a raiz, sou mais de um país e um estado desistente

É fama pra dizer que a gente aguenta (vivo intacto)
Que manda chumbo grosso e nós sustenta (vivo intacto)
Botaram pra vender nossa esperança (vivo intacto)
Criaram o roteiro dessa dança (vivo intacto)

Lugar hostil de gente tão pacífica
Nordeste ficção científica
É pobre, é seca, é criança raquítica
Nordeste invenção política

Hei, herêrêrêrêrêrê, harêrêra
Nordeste emoção artística
Hei, herêrêrêrêrarê, herêrêra
Nordeste ficção científica
Nordeste invenção política
Nordeste ficção científica

(Juliana Linhares e Rafael Barbosa de Araújo)

A letra de “Nordeste ficção” permite algumas reflexões e críticas sobre a realidade do nordeste brasileiro, ao mesmo tempo em que explora simbolismos e metáforas, especialmente através da figura do cacto, que funciona quase como um personagem central na canção. Vejamos alguns aspectos a respeito da estrutura, dos temas abordados, do uso de linguagem e também outras comparações.

A letra é composta por estrofes curtas e versos simples, o que confere um ritmo fluido à leitura, se analisarmos a letra como um texto literário. A repetição de “vivo intacto”, ao longo do texto, reforça uma ideia de persistência e resiliência, enquanto a variação nos versos adiciona certo dinamismo à canção.

O cacto é utilizado como uma metáfora para representar a resistência e a adaptabilidade do povo nordestino diante das adversidades, sendo praticamente o personagem principal no desenvolvimento da trama na canção. Mesmo sem cuidados, o cacto permanece vivo e intacto, refletindo sua força em condições difíceis. Importante destacar que quando o cacto foge do sertão “na tentativa de colher futuro farto e voz ativa”, ele encontra refúgio justamente na portaria de um prédio em São Paulo, espaço majoritariamente ocupado por migrantes nordestinos na região sudeste e, em geral, um local de silenciamento profissional e de pouca visibilidade.

Assim, a letra aborda questões sociais e políticas, como a migração do interior para as grandes cidades em busca de oportunidades, a coexistência de classes sociais contrastantes e a manipulação política da esperança e da identidade nordestina. Trata-se, mesmo agora no primeiro quinto do século XXI, da realidade de muitas famílias brasileiras.

A oposição entre “chique, chique, pobre, pobre” ressalta as disparidades socioeconômicas presentes na cidade grande e que convivem, em certa medida, lado a lado, sobretudo em ambientes como os das portarias dos prédios residenciais e comerciais. Também é possível identificar um trocadilho com o “xique-xique”, uma espécie de cacto comum no semiárido nordestino e inclusive retratada em outras canções populares⁵. Além disso, a dualidade entre a resistência do cacto e a exploração do nordestino é exaltada, criando uma atmosfera de conflito e contraste.

A letra a todo tempo questiona e desafia estereótipos sobre o nordeste, apresentando-o como uma ficção científica, uma criação política e uma fonte de emoção artística. Há uma crítica sobre a construção da identidade nordestina e sua representação nos meios de comunicação e na política e sobre a invenção de um tipo de nordeste – visto que são muitos –, no qual misturam-se três distintas percepções sobre uma mesma realidade: uma percepção ficcional ou invencional, uma percepção política ou derivada de decisões

⁵Ver, por exemplo, as canções “Meu padrim”, de Luiz Gonzaga e Francisco Marcelino Muniz de Medeiros, e “Sabor colorido”, de Geraldo Azevedo.

e oportunismo político e, por fim, uma percepção artística ou criacional. Em comum nas três percepções, podemos apontar um tipo de definição que Costa (2002) chama de identidade designada ou atribuída, isto é, “reportam-se a construções discursivas ou icônicas de entidades coletivas, com as quais aqueles que as produzem não têm relação subjetiva de pertença” (Costa, 2022, p. 27). Em outras palavras: uma forma arbitrária de definição de grupo social produzida por terceiros sem pertencimento ao referido grupo. A letra, portanto, critica a simplificação da caracterização de uma região naturalmente diversa. É como se a letra reivindicasse mais do que esses três tipos de nordeste, muitas vezes estereotipados.

“Nordeste ficção” mistura crítica social e política com simbolismo e metáfora, explorando a resistência e a identidade do povo nordestino. A estrutura relativamente simples e o conteúdo denso permitem diversas interpretações, revelando camadas de significado sobre a realidade e a imaginação da região.

Nesta análise de “Nordeste ficção” focamos especialmente na letra e nas abordagens que esse tipo de conteúdo permite, mas é importante acrescentar a carga emocional e a interpretação vibrante que Juliana Linhares imprime na canção. Ousamos dizer ainda que Juliana Linhares parece reforçar intencionalmente seu sotaque potiguar, afirmando na própria sonoridade da linguagem a sua identidade nordestina. Letra, música e canto se conjugam numa canção de protesto contemporânea, na qual a identidade e a subalternização são pontos centrais da análise⁶.

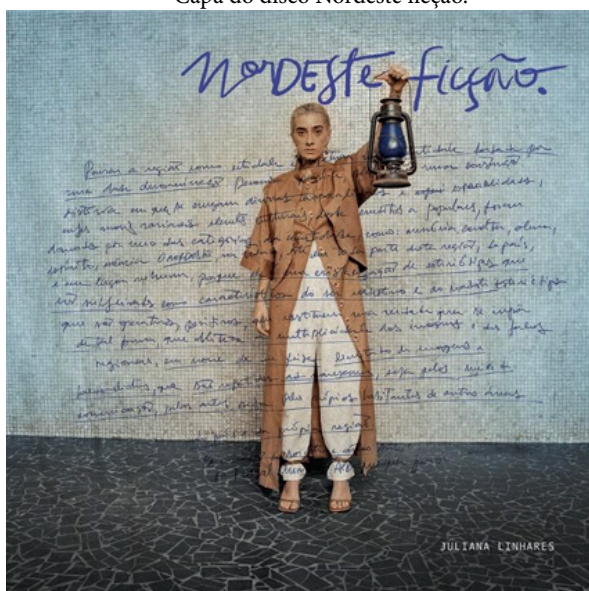
Diálogo entre imagem e canção

Nordeste ficção traz uma característica que já apontamos em trabalhos de outros artistas (cf. Autor, 2016), que é o diálogo entre a construção da imagem artística e a identidade visual do trabalho relacionados diretamente com as canções do disco. Muitas canções, por si só, criam um certo sentido imagético sobre o nordeste de Juliana Linhares. Trata-se, antes de tudo, de um nordeste criado e imaginado pela artista, com suas peculiaridades e tramas localizadas especialmente na contemporaneidade midiática, isto é, o mundo no qual as redes sociais digitais tornaram-se importantes canais de comunicação e, portanto, canais de construção de imaginário e de formação de opinião, ainda que muitas vezes criticadas pela generalizada superficialidade desse tipo de meio comunicacional. O fato é que esses canais – Instagram, em especial – produzem imaginários e, consequentemente, impactam na vida cotidiana.

Vejam os a seguir a identidade visual do disco *Nordeste ficção*:

⁶O disco *Nordeste ficção*, assim como a canção homônima, pode ser ouvido no seguinte link: <https://open.spotify.com/album/5k5zBgDqt68LflrQ4OWIf2?si=dogEoCTTT7GF4rWfhXgYuA>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Capa do disco Nordeste ficção.



Fonte: divulgação.

[Descrição da imagem] Imagem da capa do disco *Nordeste ficção*, de Juliana Linhares. A cantora Juliana Linhares aparece no centro do disco vestindo calça bege clara e sobretudo marrom, lembrando tons de terra, e calça uma sandália com os pés à mostra. A cantora segura uma lanterna antiga de cor azul em sua mão esquerda na altura do seu rosto. A chão é formado por cacos de piso preto. O fundo da imagem é de cor azul clara. Na parte superior aparece o nome do disco em cor azul escuro. Na parte central aparece um texto de difícil leitura, em letra cursiva, que remete à obra *A invenção de nordeste e outras artes*, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. É possível identificar a assinatura do autor ao final do texto. Na parte inferior do disco aparece o nome de Juliana Linhares em branco (contrastando com o piso preto) [Fim da descrição].

O primeiro ponto a destacar é a fonte da letra utilizada no trabalho: trata-se de uma letra cursiva, isto é, uma letra manual, portanto, autoral, o que tende a imprimir uma identidade ao trabalho. O título utiliza a mesma fonte do texto que está centralizado na capa do disco, que é de autoria de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, inclusive sendo possível verificar a assinatura do autor ao final do texto. Assim, na própria identidade visual do trabalho há uma relação direta com a obra *A invenção do nordeste e outras artes*.

O segundo ponto é em relação à paleta de cores, focando muito no azul e com tom terroso – excessivamente utilizado para representar o nordeste brasileiro – apenas o sobretudo utilizado por Juliana Linhares. É como se ela mesma fosse a representação do

nordeste em meio a um céu azul. Nesse sentido, novamente buscou-se quebrar o estereótipo da representação típica do nordeste utilizado nos grandes meios de comunicação.

O terceiro e último ponto, como um complemento ao ponto anterior, diz respeito à indumentária utilizada pela artista que, de forma geral, também quebra a representação estereotipada da roupa sertaneja. Ainda que o sobretudo venha com tom terroso, trata-se de um modelo bastante contemporâneo, novamente afastando-se da representação típica do sertão nordestino.

É importante atentar também para a própria imagem de Juliana Linhares, que muitas vezes se aproxima visualmente mais de uma artista associada ao *pop-rock* do que de uma cantora da música popular brasileira. As roupas contemporâneas, o visual com cabelo descolorido, em certo sentido contrastando com a imagem clássica associada às cantoras nordestinas. A respeito desse ponto, em entrevista a Lucila Bezerra (2022, sem paginação) no jornal , Linhares diz o seguinte:

[...] muitas vezes não consigo responder aos estereótipos do interior sertanejo, apesar de ter isso porque meu pai é, e visitei muito. Então, tenho muito próximo, a minha família toda é do interior do Rio Grande do Norte, mas eu nasci no litoral. Essa mistura toda faz com que me identifique muito com um lado mais rock da Elba [Ramalho], por exemplo [...].

[...] eu sou uma nordestina misturada, uma nordestina que tem uma vida no Rio [de Janeiro], mas não deixo de ser nordestina e de carregar um monte de coisa e de responder a um monte de expectativas diferentes das que as pessoas esperam. E aí, platinei o cabelo e fui brincar um pouco com a imagem, quis construir imagens de cliques que não fossem associadas à ideia do cacto, da chita, do milho, do Padre Cícero.

Eu não queria representar o nordeste de cara, mas eu queria que você fosse convidado a entrar naquilo de uma forma diferente.

Podemos perceber na entrevista que a própria Juliana Linhares reconhece que certos estereótipos estão associados ao imaginário da música popular nordestina. Justamente por visualizar esse elo de forma clara, optou por afastar-se dessas representações. No entanto, o seu canto muitas vezes se aproxima das cantoras nordestinas, a exemplo de Elba Ramalho e Amelinha. Em alguns momentos é um forjar-se por contraste, em outros momentos

é um forjar-se por associação. Contraste e associação trabalham juntos, lado a lado, na construção da identidade artística e cultural de Juliana Linhares. É necessário se afastar do imaginário social do nordeste para se aproximar de seu próprio nordeste contemporâneo.

Considerações finais

Nordeste ficção é um trabalho autoral de Juliana Linhares com participação e colaboração de outros compositores e artistas, que em seu conceito como obra busca refletir sobre o que é ser nordestino no mundo contemporâneo. Para isso, dialoga com muitos signos característicos da região, algumas vezes se aproximando, outras vezes se distanciando. Muitas vezes de forma intencional, outras vezes de forma não intencional. Como em todo diálogo colaborativo, as conversas podem apontar novos rumos e entendimentos. O nordeste de Juliana Linhares carrega signos da tradição nordestina, mas, contraditoriamente, busca por novas formas de representação a partir de outras perspectivas, tais como a construção de uma identidade visual mais próxima do *pop-rock*, a linguagem musical mais aberta às experimentações e a própria construção de discurso da artista. Percebe-se nas entrevistas analisadas a intencionalidade de Linhares em questionar o imaginário social nordestino que, majoritariamente, é forjado e reproduzido pelos grandes polos culturais localizados na região sudeste do Brasil. No entanto, é interessante perceber que muitas das características que ela questiona estão presentes em seu trabalho. A representação do nordeste clássico, por assim dizer, está presente em muitas das suas canções (no canto, nas referências musicais, nas referências geográficas). Com isso, enquanto um pé se mantém no nordeste, o outro é livre para se apoiar em qualquer região e, por que não, no mundo? Juliana Linhares, mais do que o cacto cantado na canção homônima que dá nome ao disco, é flor do sertão, mesmo tendo crescido no litoral potiguar e atualmente vivendo no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do nordeste outras artes. São Paulo: Cortez, 2021.
- BEZERRA, Lucila. “Nordeste ficção”: Juliana Linhares fala sobre seu álbum e referências musicais. Reportagem no jornal Brasil de Fato on-line, publicada em 04 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/04/nordeste-ficcao-juliana-linhares-fala-sobre-seu-album-e-referencias-musicais> . Acesso em: 10 jan. 2024.
- BORGES, Valterlei. Novos modelos de produção e consumo: um estudo sobre as mudanças ocorridas com o advento das plataformas digitais. Niterói: Eduff, 2014.
- BORGES, Valterlei. Em uma esquina do sul: fragmentações e construções identitárias na música platina a partir da análise da obra de Vitor Ramil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2016.
- BORGES, Valterlei. Relativizando as identidades: Vitor Ramil e a estética do frio. Anuário de Literatura, v. 22, p. 136-149, 2017a.
- BORGES, Valterlei. Regionalismo e identidade na obra de Vitor Ramil: uma análise do disco Délibáb. Trama: Indústria Criativa em Revista, v. 5, p. 103-122, 2017b.
- COSTA, Antonio Firmino da. Identidade culturais urbanas em época de globalização. Revista Brasileira de Ciências Sociais – vol. 17, no 48, p. 15-30. São Paulo. Fev. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 mar. 2024.
- DINIZ, Augusto. Inspirada em livro cantora Juliana Linhares lança Nordeste ficção. Reportagem na Revista Carpa Capital on-line, publicada em 14 de março de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/augusto-diniz/inspirada-em-livro-cantora-juliana-linhares-lanca-nordeste-ficcao/> . Aceso em: 10 jan. 2024.
- GRUPO CARMIN. A invenção do nordeste. Texto com resumo da peça no site do Grupo Carmin. Sem data. Disponível em: https://www.grupocarmin.com.br/?page_id=1460 . Acesso em: 11 jan. 2024.
- LATOURE, Bruno e WOOGAR, Steve. A vida de laboratório: a produção de dados científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LINHARES, Juliana. Nordeste ficção. Álbum em formato digital. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/5k5zBgDqt68LflrQ4OWIf2> . Acesso em: 10 jan. 2024.

Texto enviado em: junho de 2025

Texto aceito em: julho de 2025

{...}